



## Críticas aos fundamentos da Psicologia e sua possibilidade enquanto ciência

---

Rafael dos Reis FERREIRA<sup>1</sup>  
Rejane Siqueira JULIO<sup>2</sup>  
Rodrigo Augusto Suárez ABREU<sup>3</sup>

### Resumo

O objetivo de nosso artigo é apresentar a argumentação presente nas notas de Rush Rhees, escritas na década de 40 do século passado, denominada *Conversações sobre Freud*, referentes a suas conversas com Wittgenstein; argumentos os quais sustentam algumas de suas críticas centrais aos fundamentos da Psicologia e, também, aos fundamentos da Psicanálise enquanto ciências. A partir das críticas de Wittgenstein aos fundamentos da Psicologia, faremos, então, uma breve discussão sobre a possibilidade da Psicologia enquanto ciência a partir dos critérios epistemológicos dados por Gilles-Gaston Granger em *A Ciência e as Ciências*.

**Palavras Chave:** Psicologia, Ciência, Críticas, Fundamentos.

### Criticism to the fundamentals of Psychology and its possibility as science

#### Abstract

The purpose of our paper is to present the argumentation presented in the Rush Rhees's notes, written in the 40s of last century, called *Conversations on Freud*, referring to his conversations with Wittgenstein; arguments which support some of its central criticisms to the foundations of Psychology and also to the fundamentals of Psicanálise while science. From the critics of Wittgenstein to the fundamentals of Psychology, then we will do a brief discussion about the possibility of psychology as a science from the epistemological criteria given by Gilles-Gaston Granger in *La Science et les Sciences*.

**Key-words:** Psychology, Science, Critical, Fundamentals.

---

<sup>1</sup> Licenciado, bacharel e mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Marília), e doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

<sup>2</sup> Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestrado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Rio Claro), e doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL - MG).

<sup>3</sup> Licenciado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). É membro analista praticante da Associação Campinense de Psicanálise, piscanalista clínico e mestrando em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

## As críticas do pensamento de Wittgenstein aos fundamentos da Psicologia nas Conversações sobre Freud

*Conversações sobre Freud* (RHEES, 1967)<sup>4</sup>, consiste em três notas tomadas por Rush Rhees em 1942, 1943 e 1946 resultantes de seu contato com Wittgenstein em Cambridge em 1942<sup>5</sup>.

Nesse contexto da década de 40, Wittgenstein já tinha finalizado a primeira parte das *Investigações Filosóficas*<sup>6</sup> e estava trabalhando em manuscritos e datiloscritos que fazem referências, dentre outras coisas, à filosofia da Psicologia. Apesar desses escritos terem sido feitos na década de 40, segundo Bortolo Valle (2007, p. 103) eles ficaram mais conhecidos tardiamente, por volta de 1980, com a publicação das seguintes obras: *Observações sobre a Filosofia da Psicologia* (*Remarks on the Philosophy of Psychology*) e *Últimos Escritos sobre a Filosofia da Psicologia* (*Last Writings on the Philosophy of Psychology*), baseadas nesses manuscritos e datiloscritos.

Embora seus escritos, que fazem referência à Psicologia, tenham sido feitos em sua maioria, como dissemos acima, na década de 40, Rhees (1967) nos diz, na introdução às *Conversações*, que já em 1914 Wittgenstein não ignorava a Psicologia, apesar de achá-la uma perda de tempo. Rhees (1967) ainda relata que Wittgenstein lera Freud, em 1919, ficando surpreso com essa leitura por achar que estava diante de alguém que tinha algo a dizer e que merecia ser lido<sup>7</sup>.

Cabe ressaltar que em 1918 Wittgenstein já havia finalizado o *Tractatus logico-philosophicus*, obra publicada em 1921, em que ele apresenta algumas observações

---

<sup>4</sup> WITTGENSTEIN, Ludwig. *Conversations on Freud*. In: *Lectures and Conversations: on aesthetics, psychology and religion belief*. Oxford: Cyril Barret University of California Press. Basil Blackwell, 1967. Designaremos as *Conversações sobre Freud* por, simplesmente, *Conversações*.

<sup>5</sup> Observemos que as *Conversações* são resultado do contato de Rhees com Wittgenstein cujas notas apresentam o pensamento de Wittgenstein. Então, quando citarmos Rhees fazemos referência ao pensamento de Wittgenstein.

<sup>6</sup> As *Investigações* caracteriza o que os estudiosos costumam chamar de segunda fase do pensamento de Wittgenstein. Os estudiosos chamam a primeira fase de seu pensamento as ideias presentes no *Tractatus*. Há estudiosos que afirmam uma ruptura e outros que afirmam uma continuidade entre essas fases do pensamento de Wittgenstein, ainda que no prefácio das *Investigações* Wittgenstein nos diga que traz o *Tractatus* para confrontar com seus pensamentos novos e tem esta obra como pano de fundo.

<sup>7</sup> Encontramos Wittgenstein falando sobre Freud em outras passagens, por exemplo, *Cultura e Valor* (*Culture and value*) que dispõe de uma organização cronológica sobre temas como religião, arte e cultura, com praticamente metade das notas provenientes do período subsequente ao término, em 1945, da primeira parte das *Investigações*; e *Movimentos de Pensamentos*, que são diários de 1930-32/1936-37.

sobre Psicologia, tais como “A psicologia não é mais aparentada com a filosofia que qualquer outra ciência natural. A teoria do conhecimento é a filosofia da psicologia” (WITTGENSTEIN, 2010, p. 177, 4.1121) ou “O eu filosófico não é o homem, não é o corpo humano, ou a alma humana, de que trata a psicologia, mas o sujeito metafísico, o limite – não uma parte – do mundo”. (WITTGENSTEIN, 2010, p. 177, 5.641)

No entanto, é sob o pano de fundo das ideias presentes nas *Investigações Filosóficas* que vemos suas considerações sobre Psicologia e, em particular, nas *Conversações*, ao questionar a fundamentação das interpretações psicológicas e psicanalíticas e outras teses, por exemplo, a crítica à tese de que todo sonho é realização de desejo e a crítica a busca, por parte da Psicologia, por fundamentações científicas inspiradas ou com base nas ciências naturais.

Nas *Investigações* Wittgenstein (2009) diz:

Não se deve explicar a confusão e o vazio da psicologia alegando ser ela uma “ciência jovem”, o seu estado não pode, p. ex., ser comparado com o estado da física nos seus primórdios. (Muito mais com o de certos ramos da matemática. Teoria dos conjuntos.) Na psicologia existem, a saber, métodos experimentais e *confusão conceitual*. (Como, noutro caso, confusão conceitual e métodos de demonstração). (WITTGENSTEIN, 2009, p. 297, XIV)

Nesse sentido, enquanto a Física, nos seus primórdios, era uma ciência dita “ciência jovem”, pois acreditava-se então que ela se poderia tornar uma “ciência adulta”, na Psicologia, não deve haver uma crença que ela venha a se tornar um dia uma ciência adulta como a Física o é hoje. Enquanto que é parte da essência da Física a precisão conceitual e rigor de métodos experimentais, na Psicologia há confusões conceituais e de métodos, de modo que não parece haver a ideia de um estágio menos amadurecido para um estágio mais amadurecido.

Em relação às críticas de Wittgenstein aos fundamentos da Psicologia, Rhees (1967) inicia, nas *Conversações*, a nota de 1942, referindo-se assim à Psicologia: “Quando estudamos Psicologia podemos sentir que há algo nela de insatisfatório, alguma dificuldade em relação a todo o sujeito do estudo: a causa é que tomamos a Física como o nosso ideal de ciência. Pensamos em formular leis como na Física” (RHEES,

1967, p.42, nota de 1942, tradução nossa)<sup>8</sup>. O argumento, nesse sentido, consiste em dizer que não podemos usar na Psicologia a mesma métrica que é usada na Física para tratar o fato psicológico. Isso se torna mais evidente se compararmos a descrição da causalidade dos fenômenos físicos com a descrição da causalidade dos fenômenos psicológicos. .

Por exemplo, seja a transitividade assim formalizada na Lógica-Matemática por “se  $A=B$  e  $B=C$ , então  $A=C$ ”; Rhees (1967) observa que não podemos aplicar a transitividade na Psicologia assim como na abordagem da Física. Um exemplo de transitividade na Física: a lei zero da termodinâmica. Sejam três sistemas:  $a$ ,  $b$  e  $c$  tal que eles estão isolados de qualquer outro universo externo; se o sistema  $a$  estiver em equilíbrio com um sistema  $b$ , e se o sistema  $b$  estiver em equilíbrio com um sistema  $c$ , então o sistema  $a$  está em equilíbrio com o sistema  $c$ . Então podemos nos perguntar: será que conseguimos estabelecer relações de causalidade semelhante a esse da transitividade no plano das análises realizadas na Psicologia? Segue abaixo a argumentação do pensamento de Wittgenstein tomadas por Rhees.

Rhees (1967) diz que: “[...] quando pensamos em leis causais de objetos físicos pensamos em experimentos” (RHEES, 1967, p.42, nota de 1942). Mas, no âmbito dos fatos psicológicos não é possível fazer experimentos do mesmo modo que na Física. Em outras palavras, podemos dizer que o modo (a métrica) de causalidade dos fenômenos físicos, descritas como leis deterministas, não se aplicam às causas mentais tanto como se aplicam aos fenômenos físicos, como pretende a Psicologia ou como pretendia a Psicologia da época. Assim, se os fenômenos da Psicologia não são mensuráveis como o são na Física, então a causalidade estudada pela Psicologia não envolve a mesma relação de necessidade causal que ocorre na Física.

A partir das críticas que explicitamos acima, sobre a causalidade, comparando a Física com a Psicologia quanto ao método e a análise de cada uma dessas áreas, Rhees (1967) diz que Wittgenstein faz, em especial, uma crítica à teoria dos sonhos de

---

<sup>8</sup> “When we are studying psychology we may feel there is something unsatisfactory, some difficulty about the whole subject or study – because we are taking physics as our ideal science. We think of formulating laws as in physics.”

Freud quando este parte do pressuposto de que todo sonho é a realização de desejo cuja a análise psicanalítica pode trazer à luz por meio da livre associação.

No método de livre associação de Freud<sup>9</sup> não há, argumenta Wittgenstein, como mostrar onde parar, onde está a solução correta para a interpretação do sonho, seja na satisfação do paciente, seja na análise considerada correta pelo psicanalista .

Sobre a solução correta Rhees (1967) ainda diz:

[...] há vários critérios para interpretação correta: por exemplo, (1) o que o analista diz ou prediz com base na sua experiência prévia; (2) a que o sonhador é levado pela livre associação. Seria interessante e importante que esses dois critérios coincidissem em geral. Mas seria esquisito (extravagante) pretender (como parece fazer Freud) que ambos *devam sempre* coincidir. (RHEES, 1967, p.46, nota de 1943).

Rhees (1967) quer dizer que não há uma relação causal que garanta que a experiência explicativa do analista sempre coincida com as experiências do sonhador. Em outras palavras, não existe uma única causa que determine uma suposta interpretação correta de um sonho e que, portanto, o método de livre associação não é determinista como o é a causalidade dos fenômenos físicos (ou da maioria dos fenômenos físicos<sup>10</sup>), pois em uma causalidade há uma única causa que condiciona o fenômeno consequente, por exemplo, o fato de que a queda de uma maçã tem a força da gravidade como causa. Diz Rhees que o que acontece na livre associação “[...] provavelmente está condicionado por um grande número de circunstâncias” (RHEES, 1967, p.46, nota de 1943); e que “[...] parece não haver razão para afirmar que deva ser condicionado tão somente pelo tipo de desejo em que o analista esteja interessado”. (RHEES, 1967, p.46-47, nota de 1943)

Em relação ao pressuposto de que todo sonho é realização de desejo e também ao método de livre associação que tratamos acima, Rhees (1967) trará à luz o ar-

---

<sup>9</sup> O método de livre associação consiste em deitar o paciente no divã e estimulá-lo a dizer o que viesse a sua mente, inclusive seus sonhos.

<sup>10</sup> Consideramos importante dizer que a causalidade abordada neste texto não é um consenso entre físicos e filósofos. Leite (2012, p. 165), por exemplo, afirma que com o desenvolvimento da física (teoria) quântica, “[...] acendeu um debate acalorado entre filósofos e físicos sobre a natureza das leis físicas e, em especial, sobre a validade do princípio de causalidade” (LEITE, Patrícia Kauark. Causalidade e teoria quântica. In: *Scientiae Studia*, 2012, vol.10, n.1, pp. 165-177.)

gumento de Wittgenstein e dirá que não se pode afirmar que todos os sonhos são realizações de desejo, em particular a realização de desejos sexuais, como diz Freud, pois eles podem ser, por exemplo, simplesmente uma lembrança de algo que tenha ocorrido. Nesse sentido, escreve Rhees (1967): “Provavelmente, há muitas espécies diferentes de sonhos, e não existe nenhuma linha única de explicação para todos eles. Assim como há muitas espécies diferentes de chistes ou assim como há muitas espécies diferentes de linguagem” (RHEES, 1967, p.47-48, nota de 1943). Ainda diz Rhees (1967)

Freud estava influenciado pela concepção de dinâmica do século XIX, uma concepção que influenciou em todo tratamento da psicologia. Ele queria encontrar uma única explicação que mostrasse o que é sonhar. Queria encontrar a *essência* de sonho. E tinha recusado qualquer proposta que só fosse parcialmente correta. (RHEES, 1967, p.48, nota de 1943)

Encontrar a essência do sonho é encontrar a sua verdadeira causa, isto é, o que realmente motiva o sonho. Isso implicava em buscar uma explicação definitiva e completa para a natureza do sonho. Mas, como argumenta o pensamento de Wittgenstein, no método de livre associação, existe uma multiplicidade de causas atuando, donde não se pode afirmar com segurança qual é a verdadeira causa ou razão para o todo o sonho.

Observemos que esta dinâmica do século XIX, mencionada por Rhees (1967) na citação acima, está presente em autores como Wilhelm Wundt (1832-1920), considerado um dos fundadores da psicologia científica. Essa concepção se disseminara amplamente na Psicologia da época. Comenta Mariguela (1994), brevemente, sobre os pressupostos de Wundt:

[...] sua formação em medicina e fisiologia revela suas contribuições para edificar a psicologia como ciência, nos moldes da física experimental. De 1856 a 1862, Wundt apresentou um ciclo de conferencias sobre “A Psicologia do ponto de vista das ciências naturais” e no ano seguinte mudou o título de suas aulas para “Psicologia Fisiológica”. Sua obra *Elementos de Psicologia Fisiológica*, publicada em 1874 foi responsável por estabelecer o critério fisiológico para a observação do conteúdo da mente através de uma mensuração da percepção e sensações. Fundamentando-se no modelo fiscalista, Wundt defendia um paralelismo psicofísico que concebia o fundamento sensorial da consciência em processos físicos determinados e afirmava que o estudo do

funcionamento do cérebro constitui-se a base de toda psicologia científica. (MARIGUELA, 1994, p. 29)

Voltando ao método de livre associação, Rhees (1967), nas *Conversações*, diz que tal método é mais interpretativo e, por isso, não passa de especulações, de espécies de explicação que estamos inclinados a aceitar. Por serem especulações, elas não são formuladas como resultado de um exame pormenorizado de variedades de alucinações como seria possível e exigido por um método experimental e como a Física faz nos experimentos dos eventos físicos investigados realizados por ela. Nesse sentido, diz Rhees (1967): “Freud alega constantemente que está sendo científico, mas o que fornece é *especulação*, algo anterior inclusive, à formação de hipóteses.” (RHEES, 1967, p.44, nota de 1942)

Essa espécie de explicação que estamos inclinados a aceitar trata-se, diz Rhees (1967), de uma ideia manifestamente atrativa, como as explicações mitológicas que Freud se utiliza, por exemplo, a da cena primária<sup>11</sup> (*Urszene*), pois a atração das explicações mitológicas

[...] consiste em proporcionar uma espécie de padrão trágico para a vida. Tudo é a repetição de um mesmo padrão estabelecido há muito tempo. Como uma figura trágica que cumpre os decretos os quais o destino lhes impôs no ato do nascimento. Muita gente tem, em algum momento, sérios problemas em suas vidas – tão sérios que a levam a pensamentos suicidas. É provável que isto apareça a alguém como algo terrível, como uma situação na qual é muito violenta para ser objeto de uma tragédia. E então pode ser um imenso alívio se se puder mostrar que a vida de uma pessoa repete um padrão em vez de ser uma tragédia – a tragédia e a repetição se explicam por um padrão segundo o qual foi determinado pela cena primária. (RHEES, 1967, pág. 51, nota de 1943)

Parece que a explicação do mito toca nas traços mais essenciais do ser humano (o padrão trágico da vida, repetição de um mesmo padrão acontecido há muito tempo, etc), conduzindo-o ou persuadindo-o a aceitar tal explicação. Exemplos dessas explicações são: “A ansiedade é sempre uma repetição de alguma maneira da ansiedade que experimentamos no nascimento” (RHEES, 1967, p.43, nota de 1942), todos os sonhos são realização de desejo e a própria noção de inconsciente. Parece que Rhees

---

<sup>11</sup> A cena primária designa a relação sexual entre os pais, tal como pode ser vista ou fantasiada pela criança que a interpreta como um ato de violência, ou mesmo de estupro, por parte do pai contra a mãe.

nos aponta que, embora as explicações mitológicas tenham um forte poder de explicação e persuasão, não se pode verificar que elas são as soluções corretas de interpretações que ocorrem na análise assim como “[...] não existe [por exemplo] maneira de demonstrar que o resultado todo da análise não possa ser uma “ilusão””. (RHEES, 1967, p.44, nota de 1942). Essas explicações são, como afirma Rhees (1967), “[...] algo que as pessoas se inclinam a aceitar”. (RHEES, 1967, p.43, nota de 1942)

Em suma, podemos concluir que a causalidade dos fenômenos físicos, descritas por leis deterministas, não podem se aplicar à mente do mesmo modo que se aplicam aos fenômenos físicos, como pretende a Psicologia ou como pretendia a Psicologia da época. Ocorre, também, que os objetos da Psicologia ou da Psicanálise, como os sonhos, por exemplo, não são passíveis de serem submetidos a uma métrica como são passíveis os objetos ou os fenômenos da Física. O método de livre associação freudiano, que leva o paciente a interpretar a causa do sonho, o desejo, como sendo sua única causa, não possui, como argumenta Rhees (1967), uma relação de causalidade que determine esta implicação e que a torne necessária, isto é, que nos faça adotar uma interpretação e não outra, que nos faça crer que o desejo é a única causa do sonho. Existe uma multiplicidade de causas que torna o trabalho de interpretação uma atividade que depende mais do ponto de vista do sujeito que analisa e do paciente analisado. O paciente analisado pode ou não aceitar a interpretação do analista. A interpretação do analista tem um forte poder de persuasão na medida em que se utiliza do recurso de mitos. O discurso sustentado nos mitos estabelece uma forte convicção para os pacientes, pois atuam como sedutoras explicações para o paciente analisado.

A crítica do pensamento de Wittgenstein, no texto de Rhees (1967), leva-nos a colocar em dúvida a possibilidade da Psicologia e da Psicanálise enquanto ciência. Surgem, então, algumas centrais questões sobre a relação entre Psicologia e ciência que podemos colocar nos seguintes termos: em que medida podemos dizer que a Psicologia é uma ciência? Se ela não é uma ciência, então o que ela é? Como a Psicologia se situa diante dos demais conhecimentos humanos? É o que veremos na seção abaixo.

## Considerações sobre a possibilidade da Psicologia enquanto ciência segundo os critérios epistemológicos de Granger

As *Conversações* contém, como vimos, críticas aos fundamentos da Psicologia e da Psicanálise nos faz colocar em dúvida a possibilidade da Psicologia e da Psicanálise como ciência se assumirmos as ciências da natureza, como a Física, por exemplo, como o ideal de ciência.

Para enriquecer o nosso debate, apresentaremos e discutiremos, brevemente, os critérios epistemológicos gerais apresentados por Gilles-Gaston Granger<sup>12</sup>, um dos grandes epistemólogos do século XX, para repensarmos as questões aqui levantadas sobre o estatuto científico da Psicologia e a sua possibilidade enquanto ciência.

Granger no seu livro de divulgação *A Ciência e as Ciências* nos apresenta três traços característicos da visão científica que distingue o conhecimento científico dos demais tipos de conhecimentos, como o conhecimento sensorial, filosófico ou artístico, por exemplo. Diz ele: “Assinalarei três traços deste tipo de visão, bastante gerais para revelarem a unidade da ciência, bastante específicos para a diferenciarem nitidamente das atitudes não científicas”. (GRANGER, 1994, p. 47)

O primeiro traço é o de que a ciência é visão de uma realidade. Quer dizer ele que a expressão “a ciência visa a uma realidade” tem sentido, pois contrapõe-se, por exemplo, à visão do devaneio e da imaginação presente, por exemplo, na poesia. Desse modo, embora a ciência seja uma representação abstrata, ela quer explicar ou quer representar o real.

O segundo traço geral é a necessidade da ciência visar objetos para descrever e explicar e não diretamente agir sobre eles simplesmente.

O terceiro traço é a sua preocupação com critérios de validação; nesse sentido ele diz que “Um saber acerca da experiência só é científico se contiver indicações

---

<sup>12</sup> Gilles-Gaston Granger é um filósofo francês. É professor emérito da Universidade de Provence e professor honorário do Collège de France. Granger foi professor na Universidade de São Paulo (USP). Publicou muito livros e artigos, com trabalhos importantes para a Epistemologia Contemporânea e Comparativa. Granger dedicou-se, também, ao estudo do pensamento de Wittgenstein.

sobre a maneira como foi obtido, suficiente para que as suas condições possam ser reproduzidas” (GRANGER, 1994, p. 47); “Assim, o conhecimento científico é necessariamente público, ou seja, exposto ao controle - competente - de quem quer que seja”. (GRANGER, 1994, p. 47)

A partir destes critérios podemos nos perguntar se a Psicologia e a Psicanálise se enquadram nestes três traços característicos da visão científica. Segundo esses critérios propostos por Granger, podemos dizer que a Psicologia e a Psicanálise são uma visão da realidade, que elas visam objetos para descrever e explicar, mas elas carecem, no sentido mais forte do termo, do terceiro critério, o critério de validação. Nesse sentido, diz Granger, se referindo não apenas à Psicologia e a Psicanálise, mas às Ciências Humanas como um todo, a qual pertence a Psicologia e a Psicanálise: “Na medida em que as ciências humanas têm realmente, ainda que num sentido muito fraco, a mesma visão que as ciências da natureza, elas se deparam com os mesmos problemas de validação de seus enunciados” (GRANGER, 1994, p. 98)

Ora, é pretensão do psicólogo e do psicanalista que a sua teoria tenha critérios de validação, que ela possa ser constatada mas, como vimos a partir das críticas de Wittgenstein, essa constatação não é tão forte quanto nas ciências da natureza, pois existe a dificuldade de encontrar uma única causa de determinar os fatos psicológicos estudados. Há outros problemas<sup>13</sup> que não discutimos aqui propriamente, por exemplo, a dificuldade de acesso ao interior do sujeito, e, também, o papel do sujeito na construção do sentido do fato psicológico, pois cabe a ele encontrar o seu sentido ao mesmo tempo em que ele o constrói, ou seja, há muitos problemas quando se faz ciência em primeira pessoa (o homem teorizando sobre ele mesmo) que em terceira (quando o objeto é a realidade externa ao homem e não o próprio homem) como fazem as ciências da natureza.

Ocorre, então, como vimos com o método de livre associação de Freud, por exemplo, que a explicação da Psicologia e da Psicanálise encontra-se mais no nível da especulação e da interpretação, onde o sujeito-analista e o sujeito-analisado buscam

---

<sup>13</sup> Tais problemas são apontados, por exemplo, por Politzer na sua obra intitulada “*Crítica dos fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise*”.

uma “explicação correta” com um discurso que melhor se adequa ao problema do paciente que está sendo tratado. Sobre a Psicanálise, em particular, Granger diz: “[...] a psicanálise, mais do que uma ciência do psiquismo, deve ser considerada como uma arte interpretativa e, eventualmente, curativa” (GRANGER, 1994, p. 89). E de modo mais geral, referindo-se às Ciências Humanas, Granger diz: “Essa fraqueza de conceitualização e essa multiplicidade de pontos de vista de explicação distinguem visualmente das ciências da natureza as tentativas de conhecimento científico dos fatos humanos”. (GRANGER, 1994, p. 97).

Em suma, se assumirmos os critérios epistemológicos de Granger podemos dizer que a Psicologia e a Psicanálise são ciências, mas no sentido mais fraco do termo. A Psicologia e a Psicanálise são ciência, pois são visões da realidade e visam objetos para descrever e explicar. Mas, são ciência no sentido mais fraco, pois carecem, no sentido mais forte do termo, do critério de validação. Além disso, é próprio da Psicologia e a Psicanálise, enquanto ditas Ciências Humanas, um fraqueza de conceitualização e multiplicidade de pontos de vista se comparadas com as Ciências da Natureza como a Física, por exemplo. Nesse sentido, como vimos acima, Granger diz que a Psicanálise, em particular, “deve ser considerada como uma arte interpretativa e, eventualmente, curativa”.

### **Considerações finais**

É notável que as *Conversações* foram escritas na primeira metade do século passado, após o século XIX, época na qual predominava a concepção positivista, concepção que muitos psicólogos da época se inspiraram, assumindo seus principais pressupostos nas suas investigações em Psicologia.

A Psicologia e, também, a Psicanálise buscaram, de certa forma, inspiração nas Ciências da Natureza, pois estas ciências elaboram modelos para descrever e explicar a realidade que são verificados empiricamente, podendo-se constatar, mais precisamente, e na grande maioria dos casos, qual é a causa ou a lei que rege o fenômeno investigado por elas.

Na construção de modelos, os procedimentos metodológicos adotados pelo cientista são expressos em uma linguagem científica pública, no sentido que todos que conhecem a linguagem científica adotada pelo cientista e pela comunidade a qual ele está inserido, podem partir das mesmas hipóteses e dos mesmos instrumentos, que chegarão a mesma conclusão que o cientista chegou. De modo geral, há uma relação de necessidade no sentido de um efeito advir de uma única causa que torna a explicação do cientista menos especulativa e interpretativa e mais forte (no sentido de uma explicação mais poderosa) do ponto de vista constataivo ou verificacional.

Embora a Psicologia e a Psicanálise tenham se inspirado na dinâmica científica do século XIX, em um ideal por vezes positivista, vimos, através dos argumentos de Wittgenstein, que as pretensões da Psicologia e da Psicanálise, de serem uma ciência ao modo da Física, parece ser um ideal almejado por alguns, distante de ser alcançado.

Como vimos, o pensamento de Wittgenstein (2009, p. 297, XIV) nas *Conversações* não parece ser otimista, pois enquanto a Física, nos seus primórdios, era uma ciência dita “ciência jovem”, pois acreditava-se então que ela se poderia tornar uma “ciência adulta”, ele parece não acreditar que, no caso da Psicologia, haja algo como um progresso com vistas a se tornar um dia uma ciência adulta como Wittgenstein parece entender que a Física o é hoje. Enquanto que é parte da essência da Física a precisão conceitual e rigor de métodos experimentais, na Psicologia há confusões conceituais e de métodos, de modo que não parece haver a ideia de um estágio menos amadurecido para um estágio mais amadurecido.

Podemos concluir, de um modo geral, com o nosso artigo, que a Psicologia e a Psicanálise, embora apresentem os problemas apontados por Wittgenstein no texto de Rhees (1967) e, embora apresentem, como diz Granger, uma fraqueza de conceitualização, fraqueza de critérios de validação, e uma multiplicidade de pontos de vista, ainda sim podemos dizer ou falar em *Ciências Humanas* e, em particular, podemos dizer, em um sentido mais fraco do termo, que a Psicologia e a Psicanálise podem se colocar no estatuto de ciência.

## Referências

- ALMEIDA, João José Rodrigues Lima de. *Persuasão antes que convencimento: apontamentos adicionais sobre as relações entre Wittgenstein e a psicanálise*. Disponível em <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br> (Acesso em 08/10/2011)
- BOUVERESSE, Jacques. *Wittgenstein reads Freud: the myth of the unconscious*. Trad. Carol Cosman. New Jersey: Princeton University Press, 1995.
- GRANGER, Gilles-Gaston. *A ciência e as ciências*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 1994.
- MARIGUELA, Márcio Aparecido. *Sobre os Fundamentos Epistemológicos da Psicologia*. Campinas: 1994, 142p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- POLITZER, Georges. *Crítica dos fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Tradução de Marcos Marcionilo e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Piracicaba: Editora UNIMEP: 1998.
- RHEES, Rush. Lectures on Freud. In: WITTGENSTEIN, Ludwig. *Lectures and Conversations: on Aesthetics, Psychology and Religious Belief*. Edited by Cyril Barret, University of California Press. Basil Blackwell, Oxford, 1967.
- VALLE, Bortolo. A filosofia da psicologia em Ludwig Wittgenstein: sobre o “plano de tratamento dos conceitos psicológicos”. In: *Revista AdVerbum*. 2 (1) Jan a Jun de 2007: pp. 102-111.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Trad. de Marcos G. Montagnoli, 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2009 .
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Last Writings on the Philosophy of Psychology*, v. 1. G.H. von WRIGHT, H. NYMAN (eds.). Trad. C.G. Luckhardt e M. Aue. Chicago: The University of Chicago Press, 1990. [Edição original: 1949]
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Last Writings on the Philosophy of Psychology*, v. 2. G.H. von Wright, H. Nyman (eds.). Trad. C.G. Luckhardt e M. Aue. Oxford: Blackwell, 1992.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Estética, Psicologia e Religião: palestras e conversações*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1966.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Lógico-philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3 ed. 2 reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.